

Possibilidades teatrais na teledramaturgia brasileira: autorias e aproximações nas experiências de adapta- ção da obra de Ariano Suassuna

Entrevista com Ariano Suassuna

FERNANDA AREIAS DE OLIVEIRA

■ 146

Formada em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP). Professora Assistente I no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão, diretora teatral. Email: fareias@ufma.br

■ RESUMO

Nesta entrevista concedida a Fernanda Areias de Oliveira, Ariano Suassuna trata de questões pertinentes aos processos de flerte entre teledramaturgia e teatralidade. Destaque para o processo de aproximação de sua obra *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, exibido pela Rede Globo de Televisão em junho de 2007. Apresenta suas ideias sobre o papel do autor no processo de adaptação de obras literárias para o meio televisivo, e possíveis relações entre televisão e cultura.

■ PALAVRAS-CHAVE

Teledramaturgia, teatralidade, cultura e autoria.

■ ABSTRACT

In this interview granted to [autor], Ariano Suassuna addresses issues relevant to the processes of flirtation between television drama and theatricality. It emphasizes the process of approaching the novel *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, displayed by Globo TV in June 2007. It presents his ideas on the author's role in the process of adapting his work for the television, and the possible relation between television and culture.

■ KEYWORDS

Television drama, theatricality, culture and authorship.

147 ■

Apresentação

Em maio de 2009, estive em Recife com o intuito de entrevistar Ariano Suassuna para minha dissertação de mestrado. O trabalho focava o processo de aproximação entre a obra literária *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* e a minissérie *A Pedra do Reino*, exibida pela Rede Globo em junho de 2008. Fui recebida na casa de Ariano e a entrevista tomou contornos maiores. Percorremos desde suas lembranças como telespectador até seu papel como inspirador de adaptações teatrais para a televisão.

A entrevista apresentada aqui abordará ideias e opiniões do autor sobre seu papel nas adaptações das obras. Será analisada também a receptividade de Ariano em relação às diferentes aproximações de seu trabalho para o formato televisivo.

Entrevista

FA- “Eu acho que a televisão desperdiça o potencial que ela tem de divulgar cultura”. Isso foi dito pelo senhor na década de 1970. Ainda acredita nisso?

AS- Acredito

FA- Não acredita que ela esteja mudando?

AS- Mudou um pouco, mas acho que continua desperdiçando. Por outro lado, eu compreendo. Televisão não é arte; televisão é empresa. Em alguns momentos ela lida com a arte. Para mostrar logo que não é má vontade minha, vou lhe dizer: eu devo um favor à televisão que nunca mais poderei pagar. Na década de 70 ou 80 eu liguei a televisão uma

noite - eram 23h30 da noite -, e estava passando um espetáculo de dança com Nureyev. Eu nunca saí do Brasil, jamais teria a oportunidade. Hoje eu tenho. Estou inclusive com um DVD dele sobre Dom Quixote que é lindo; um espetáculo que ele fez, se não me engano, com o Balé Nacional da Austrália. Mas naquela época “peguei” a Suíte *Petrushka*, uma música que eu adoro, do Stravinsky, e estava na televisão sendo dançada por Nureyev. Fiquei muito grato à televisão por isso. Por outro lado, nos impigem “Ratinho” e coisas dessa natureza. Eu compreendo, porque se forem passar só coisas das quais Ariano Suassuna gosta a audiência vai lá pra baixo, não é? Como o próprio Luiz Fernando [Luiz Fernando Carvalho, diretor de televisão da Rede Globo] fez, depois que eu avisei a todo mundo. Quando a gente começou a pensar na [série] *A Pedra do Reino*, eu disse: “Ninguém espere por outro *Auto da Compadecida*, não. Não vai ser.” Primeiro, porque é uma obra mais complexa; segundo, porque a abordagem de Luiz Fernando é completamente desvinculada de qualquer sucesso. Faço muito a distinção entre êxito e sucesso. Eu disse ao pessoal da Globo: “Que vai ser um êxito não tenho a menor dúvida, porque conheço o Luiz Fernando, conheço as idéias dele, já o vi realizar, trabalhei com ele em duas ocasiões e o conheço. Mas o público não vai entender grande coisa e não vai gostar como gostou do *Auto da Compadecida*, não”. Quando vi a adaptação, percebi que nem o público acima do comum - que conhece minhas idéias e as de Luiz Fernando, mas não é familiarizado com *A Pedra do Reino* -, nem esse público iria gostar. Eu gostei muito, tá certo? Achei um espetáculo belíssimo. Ele deu um toque elisabetano; achei uma coisa linda, extraordinária. Mas entendo perfeitamente que uma pessoa do público comum não veja esse tipo [de série]. Não me iludo, não. As pessoas que me vêem numa aula de espetáculo não lêem [minhas obras], tá certo? Elas às vezes só lêem jornal, não se interessam por literatura. Paixão pela literatura tenho eu. Então, compreendo. Se a televisão fizer algo muito exigente, que apele para um futuro - como fazemos na literatura -, ela quebra. Perde a audiência, que pra ela é importante; ela é uma empresa. Agora, quando dá alguma atenção à cultura e à arte, a gente já fica feliz. Acho que poderia dar um pouquinho mais.

FA- Acha que de repente não vão dar um pouquinho mais?

AS- Sei não. Não tenho muita fé, não, minha filha, pelo seguinte: o chamado público médio - não só no Brasil, mas em qualquer país do mundo -você pensa que o público médio da Itália lê *A Divina Comédia*? Lê nada! Leio eu, o público médio da Itália não lê não. Nem aqui lêem *Os Sertões*, ou o *Grande Sertões Veredas*...

FA- Então por que montaram *A Pedra do Reino* na televisão?

Acho que foi por duas razões. Primeiro, porque a Globo faz uma coisa, e isso é louvável, elogiável: ao mesmo tempo em que coloca futebol, que gosto muito também e tem um público assegurado, ela, de vez em quando, coloca uma obra literária de bom gosto. Não estou falando de mim, não. Eu costumo sempre me tirar pra não ficar uma coisa parcial, ou vaidosa. Veja você, por exemplo: Guel Arraes [diretor de televisão da TV Globo] fez um especial com um romance do qual gosto muito: *O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho. Com *O Coronel e o Lobisomem*, acredito que a audiência baixou em relação aos programas de segunda ou terceira categoria por aí. Mas a Globo tem isso: ao mesmo tempo em que atende a esse público, procura sempre colocar algo que crie respeito para a emissora.

FA- O Auto da Compadecida foi um sucesso absurdo.

AS- Foi.

FA- E A Pedra do Reino, em termos de audiência, não.

AS- Baixo.

FA- Por que acha que teve essa diferença?

AS- Porque a própria peça *O Auto da Compadecida* é muito mais conhecida do que o romance *d'A Pedra do Reino*.

FA- Mas o texto foi muito alterado.

AS- Mas é pra ser mesmo, quando se muda de uma arte para outra. Guel teve até mesmo o cuidado de, na maior parte das mexidas, incluir trechos de outras peças minhas. Em outras [alterações], ele tirou alguma coisa de Molière e Shakespeare, mas com meu conhecimento e minha aprovação.

FA- Luiz Fernando parece que foi mais...

AS- Luiz Fernando respeitou mais. Mas veja bem, por outro lado.... em *A Pedra do Reino* existe, pelo menos foi o que tentei fazer, uma fusão do real com o fantástico. Ele ficou quase só no fantástico, não é? Em nenhum momento aparecem os personagens comuns do dia-a-dia. Todos são caracterizados e apresentados como personagens de teatro, de *commedia dell'arte*, não é?

FA- É verdade.

AS- Isso também contribui para que o público estranhe.

FA- Na montagem d'O Auto da Compadecida, o personagem do palhaço foi cortado. Já o Luiz Fernando incluiu um palhaço que não existia.

AS- Pois é, claro. Foi uma das poucas coisas das quais discordei de Guel. Eu acho a presença do palhaço fundamental em tudo o que escrevo. O palhaço foi o primeiro tipo de ator com quem entrei em contato, muito menino ainda, no sertão da Paraíba, no circo. Ainda hoje sou apaixonado pelo circo e Luiz Fernando sabe disso. Então ele colocou o Quaderna [personagem do palhaço], e o aproximou de mim. Quaderna tem 41 anos, se não me engano, quando começa a série. Mas ele fez o Quaderna velho, com a idade que eu tenho hoje. É verdade que fez também mais moço, mas acabou o seriado identificando a figura de Quaderna com a minha, de propósito. Há inclusive alusões pessoais que somente eu e ele entendemos.

FA- Quais são?

Luiz Fernando perdeu a mãe aos cinco anos de idade.... ou quatro ou três, não me lembro; eu perdi meu pai aos três. Uma vez conversamos sobre isso, e vi como a figura da mãe era importante para ele. Aí perguntei: "Luiz, quantas lembranças você tem de sua mãe?" "Três", ele respondeu. Eu disse: "Sou mais rico que você, porque tenho cinco lembranças de meu pai." Um dia, enquanto dava uma entrevista,

ele falou a meu respeito e contou essa conversa, dizendo que parecíamos dois mendigos conversando algo do tipo: “Quantas moedas você conseguiu juntar na vida?” Um respondia: “Três”; o outro: “Cinco, sou mais rico que você.” Afinal, você viu o seriado?

FA- Vi.

AS- Você se lembra de que, no fim, Quaderna topa com umas moedas de ouro? Pois aquilo é uma alusão a essa história. Ninguém sabe, ele colocou só pra nós dois mesmo.

FA- No processo d’A Pedra do Reino, o senhor foi para Taperoá [cidade do Serião da Paraíba, localizada na região central do Estado] e ficou na Fazenda?

AS- Sim. Dei uma aula para o grupo a pedido de Luiz.

FA- O senhor sempre faz isso?

AS- Não, não. Fui a pedido de Luiz. Nem quis ver a adaptação. Queria ver a peça e ter o impacto do espetáculo como se não a conhecesse. Então, não vi a adaptação feita por Luiz Fernando e mais dois escritores: Bráulio Tavares e Luiz Alberto Abreu. Não interferi. Luiz tomou muito cuidado. Chamou, por exemplo, um psicólogo para dar aula aos alunos e atores. Ele se baseia muito na psicologia junguiana. Depende muito também da pessoa com quem estou trabalhando. Guel Arraes várias vezes me perguntou coisas, mas Guel é meu amigo desde menino. O pai dele morava aqui em frente; ele freqüentava muito a minha casa.

FA- Li que das adaptações para a televisão as que o senhor mais gosta são as do Luiz Fernando. Como *A Mulher Vestida de Sol*, *Farsa da Boa Preguiça*...

AS- Sim, mas veja bem, isso não quer dizer... Gosto muito das de Guel também. Eu me entendo melhor com Luiz Fernando, porque Luiz Fernando, como eu, é acusado de ser arcaico. E como também sou... Guel é mais moderno, pela própria formação dele. Ele tem uma formação com grupos de vanguarda francesa.

FA- Então o senhor também gosta das adaptações do Guel?

AS- Gosto muito e confio nele.

FA- O senhor chegou a ler as críticas que saíram sobre *A Pedra do Reino*?

AS- Críticas?

FA- Críticas dos jornais.

AS- Não, eu raramente leio jornal. Não tenho muito tempo mais, não.

FA- Elas falavam, num tom pejorativo, que a linguagem era muito teatral para a televisão.

AS- Não critico isso, não. Eu fui professor de Estética. E daí, o que tem? Não passa cinema na televisão? A linguagem fica muito cinematográfica, não é? Acho isso uma observação inteiramente despropositada. Veja, em *Uma Mulher Vestida de Sol*, ele [Luiz Fernando Carvalho] partiu comigo, fizemos uma viagem juntos pelo sertão da Paraíba. Ele viu as casas onde passei a infância, viu as fazendas. No fim [da viagem], era tempo de chuva. O sertão tava chuvido (*sic*), molhado, e a peça se passava em tempo de seca. Aí ele disse - ele me chama de mestre -: “Mestre, o que você acha de a gente fazer como uma peça de teatro?” Eu respondi: “Excelente”. Ele fez então como uma peça de teatro, com cenário de teatro, cerca de teatro e ficou uma beleza. Ficou excelente. *A Farsa da Boa Preguiça* também. É claro, é evidente que, do mesmo jeito, você pode ver em tudo o que escrevo uma presença muito grande do circo. Por isso vai ficar invalidada uma peça minha que tem muito de circense? Não, eu não estou de acordo com essas críticas que fazem por aí.

FA- Tem também a questão do treinamento dos atores, em que se usou muito “Cavalo Marinho”.

AS- Mas isso já vem do meu teatro. Eu lhe mostro uma entrevista que dei em 1972, se não me engano, na qual digo que, para entender e encenar meu teatro, o melhor que se pode fazer é olhar os espetáculos populares, entre os quais “Cavalo Marinho”. Eu dava essa entrevista a respeito da primeira tentativa que se fez de adaptar *O Auto da Compadecida* para o cinema. Foi [o cineasta] Anselmo Duarte quem esteve aqui em casa querendo adaptar *O Auto da Compadecida*. Eu disse a ele: “Olha, eu quero que pegue nas roupas do espetáculo popular.” Repare: pra fazer aquele belo cinema, [Akira] Kurosawa partiu do teatro nacional e popular do Japão, do Nô e do Kabuki. Por que é que Luiz Fernando não pode fazer o mesmo, tá entendendo? Eu sugeri aos possíveis adaptadores dos meus trabalhos para cinema e televisão que olhassem para o espetáculo popular do nordeste. É ali que está o teatro nacional e popular brasileiro.

151 ■

FA- Então foi mais acertado pegar um elenco daqui, da região?

AS- Sim, claro. Se bem que, veja bem... Quando fizemos *Uma Mulher Vestida de Sol*, ele [Luiz Fernando Carvalho] perguntou pra mim: “Mestre, como irão falar os atores?” Eu disse: “Olha, Luiz, cada ator que fale o português de seu local de origem, contanto que não exagere. O que eu não quero é essa imitação caricata do sotaque nordestino, que não é de estado nenhum daqui. Então, por favor, bote os personagens pra falar.” Resultado: tinha uma gaúcha lá, um nordestino; tinha paulista, carioca. E você nem nota. Pois bem, eu fiquei muito satisfeito agora, porque o diretor da *Farsa da Boa Preguiça* [Luiz Fernando Carvalho] disse, no Rio: “Ninguém procure imitar sotaque nordestino. Ariano Suassuna é um escritor brasileiro. Se a gente caricaturar, vai localizar.” Cada um que siga o seu. Agora, se fosse miar (*sic*) para o pessoal, aí não dá não. Outro dia liguei a televisão e vi um casal de atores. Primeiro tinha uma atriz sentada, depois entrava um ator e ela dizia assim: “Vocêrrrr?”. Ele respondia: “ÉrrrrMso”. Não dá, isso não dá! Em nenhum estado do Brasil se fala assim, só o carioca besta e burro.

FA- O senhor acha que, por utilizarem uma linguagem não tão próxima à cultura do sul – que é a predominante na televisão -, os atores nordestinos geraram um estranhamento grande demais, algo com o qual veículo não está acostumado? Acha que isso deu uma afastada no público?

AS- Não, acho que não foi isso não. Foi não. Olha, a culpa ali foi minha, tá certo? Foi minha, porque o livro é mais difícil. Mas eu avisei a todo mundo. Ninguém deixou de ler *A Pedra do Reino* por causa da adaptação do Luiz Fernando. Nem passará a ler. Olhe, vou lhe dizer uma coisa: a maioria do povo de literatura é constituída de viciados em literatura. O público médio, que faz o grosso da audiência de televisão, se lê, lê jornal, tá certo? E não é só aqui no Brasil, não. Na Itália também. Não pense que a torcida do Milan lê a *Divina Comédia*. Não lê, não! Eu leio; eles não. Nem a torcida do Real Madri lê *Dom Quixote*. Eles devem ter ouvido falar em Cervantes e *Dom Quixote*, mas ler um livro de mil e tantas paginas? Lêem nada!

FA- O senhor acha que a minissérie *O Auto da Compadecida* popularizou o livro?

AS- O livro já era popular. Para o publico que lê, não contribuiu em nada. Tem gente que sabe hoje quem é Ariano Suassuna, porque aparece na torcida do Sport, na televisão. Mas ler Ariano Suassuna? Lê nada! Lê o jornal, se lê! A página policial principalmente. Olhe, o Brasil tem 180 milhões de habitantes; as edições de *A Pedra do Reino* são de três mil exemplares. É assim. Sempre foi e sempre será. Como livro, tem se saído muito bem. Um “tijolo” daqueles ninguém lê mais, não. Nós publicamos pela primeira vez *A Pedra do Reino* em setembro ou outubro de 1971. Em fevereiro [de 1972], se fez outra edição. Em agosto, a terceira; em janeiro do outro ano [1973], a quarta. Aí o editor entrou em dificuldade e pararam de editar. Voltaram a editar agora, já na 11ª edição, entendeu? Para um livro, e principalmente um livro grosso daquele, é um êxito, um sucesso. Agora, público mesmo? Esse público, que é [representado por] uma nora minha? Ela não leu. Minha nora não leu *A Pedra do Reino* e nunca lerá. Gosta muito de mim, é muito minha amiga, mas ler *A Pedra do Reino*!? Deus a livre!

FA- Houve uma diminuição para a edição francesa?

AS- Não tive que diminuir. Não atendo a esse tipo de pedido, não. Eu tinha feito uma experiência; pretendia dividir *A Pedra do Reino* em dois romances: *As Infâncias de Quaderna* e *A Pedra do Reino*. Toda a primeira parte ficaria editada nesse outro romance [*Infâncias de Quaderna*]. A professora francesa Idelette Muzart, uma entusiasta de *A Pedra do Reino*, leu e perguntou se eu concordaria em editar assim na França. A editora que se propunha a lançar o livro era pequena, aí concordei. Ainda assim, botei uma brincadeira: *A Pedra do Reino*, em francês, se chama *La Pierre du Royaume, version pour Européens et Brésiliens de bon sens* (*A Pedra do Reino, versão para Europeus e Brasileiros sensatos*) Quer dizer, os insensatos como eu lêem o grande; os sensatos lêem esse. Não é tão bom.

FA- No caso da minissérie, parece que o senhor escreveu ou reescreveu alguma coisa...

AS- Escrevi. É o seguinte: depois d'*A Pedra do Reino*, eu iria publicar mais dois romances. Sou um exagerado. Seria uma trilogia, mas depois desisti. Quando Luiz Fernando resolveu fazer [a minissérie *A Pedra do Reino*], e a Globo aceitou, peguei o que tinha escrito - que seria para o final - e terminei. Por exemplo, tem um personagem chamado Arésio que termina vivo n'*A Pedra do Reino*. Eu escrevi a morte dele. Luiz Fernando adotou. Aquele final da praça, em que Olavo Bilac faz o elogio de Quaderna, também era para o fim. Eu adiantei pra ele.

FA- E o senhor pretende inserir agora no livro?

AS- Não, no livro não. Se vier a acabar eu coloco, mas *A Pedra do Reino* fica publicada do jeito que está.

FA- Na adaptação para a televisão, o senhor sentiu falta de alguma coisa? Algo que acrescentaria?

AS- Não, eu já disse. Eu colocaria uma quantidade maior de real; não ficaria somente no fantástico. Mas isso é uma visão minha. Ali a gente não estava vendo um trabalho de Ariano Suassuna; estava vendo um trabalho de Luiz Fernando Carvalho baseado num livro de Ariano. Eu, como autor do romance, fiquei muito satisfeito. Agora, se eu fosse fazer - o que acho inclusive que facilitaria a compreensão do público -, faria a parte mais narrativa em preto e branco. O Luiz coloca em uma só cena o Quaderna velho, adulto e menino. O público se embaralha todo.

153 ■

FA- A cena do massacre da pedra é difícil de entender.

AS- Dificílimo, pra que não leu o livro.

FA- Trata-se de um recurso teatral que exige uma base para que o telespectador entenda?

AS- É verdade. Toda a peça tem um ambiente elisabetano que terminou em algo muito bonito. Até os sapatos e a caracterização de Quaderna, com aquela gola, estão muito seiscentista, muito da época de Cervantes. E ele fez de propósito, porque sabe de minha admiração por Cervantes. Por isso botou aquela gola elisabetana...

FA- Ele teve o cuidado de se aproximar de um sertão não estereotipado?

AS- Sim, ele não se aproximou nem do sertão real. Que, aliás, não se sabe como é... cada um tem a sua visão. Ele ficou numa visão puramente artística, uma recriação artística do real o tempo todo. Organizou o seriado como um espetáculo. A carroça do teatro ambulante, que vem da *commedia dell'arte*, chega à praça e o velho palhaço começa a contar a história de sua vida. E o público nem sabe quem ele é.

FA- É uma narrativa difícil de acompanhar. O Luiz Fernando usa o termo “aproximação” com o autor, e não “adaptação”. Ele parece ter um cuidado muito grande.

AS- Ele tem. Luiz tem uma paixão pela literatura quase tão grande quanto a minha, eu acho. Tem um respeito muito grande pelo texto; procura muito se aproximar. E aquele universo que você disse que os críticos chamam de teatral, aquele é o meu mundo, tá certo? Ele procurou realmente se aproximar da pessoa e do meu trabalho de escritor.

FA- É um processo mais delicado?

AS- Muito. Desse ponto de vista é um trabalho irrepreensível. Você pode criticar de todo jeito, mas é um trabalho de alto nível artístico e muito delicado. Há uma busca por compreensão. Nas cenas que poderiam ser brutais e violentas, ele deu - exatamente por conta dessa recriação teatral -, uma linha perfeitamente aceitável. Um massacre como aquele não tem salvação metafísica ou religiosa, mas tem salvação estética. Foi isso que Luiz Fernando fez.

■ 154

FA- Essa delicadeza torna *A Pedra do Reino* um produto artístico na televisão?

AS- Sim, um produto puramente artístico. Ele [Luiz Fernando Carvalho] não faz concessão alguma. Um fato que admiro muito nele: é guerreiro, lutador. Luta por suas idéias.

FA- Na época o senhor repetia muito uma frase. Como é mesmo a frase completa?

AS- Essa frase não é minha, não. Posso elogiar, porque não é minha. Era [o compositor pernambucano] Capiba quem dizia. Ele ficava indignado quando falavam que cachorro só gosta de osso. Ele dizia: “Só dão osso ao cachorro...”. O cachorro come com avidez, então falam que ele é “doido por osso”. Capiba dizia: “Ele é doido por comida, como todo mundo. Bote um filé e um osso pra ver qual ele prefere”. O problema é esse também. Não estão deixando a juventude e o povo brasileiro entrarem em contato com o filé; só querem dar o osso.

FA- Para o senhor, *A Pedra do Reino* é filé?

AS- Para mim é. Não estou dizendo isso pelo valor do romance, e sim pela qualidade da adaptação que Luiz Fernando fez.

FA- E não tinha ninguém pra comer o filé?

AS- Tinha nada.

FA- O povo tá roendo tanto o osso que não consegue mais comer o filé?

AS- Não sei, talvez o povo queira mesmo o osso. Eu sei lá. Sei não.